

Redoma de vidro (*)

O coração remendado todo
Um frio de inverno no outono

horas
dias
vão vazios

repolhos roxos em mim
as coxas geladas
sob a saia arribada

nossa minha
santa abóbora de pescoço
ele também do pau oco

louco de pés de barro
o espelho espedaçado
reflete ainda a cor de mim

vermelho, carmim sim

vai chover lá fora diz no rádio
escuto e leio no pecê
fico ainda mais molhada de tédio

pão de forma com mel

à boca carnuda
dentada pós dentada

inventa outra amálgama
e desce com engulhos
como pedregulho fosse

quero jasmim em mim
rosas perfumosas
de espinhos dolorosas

vias em cruz
séqüito de abutres
fervores sem luzes

Até ali, diz Caronte, a barca vai
Até ontem, não me abarcava
Sereia séria seria, em ais

Bate-estaca nos contrafortes
Os rochedos da morte ao norte
O sul me pega pelo azul

A areia fina já sou eu
Muito, muito só
Pura, esteira de pó

(*Em Silvia Plath transpirada, pra Millôr Fernandes, in memoriam)

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/redoma-de-vidro>